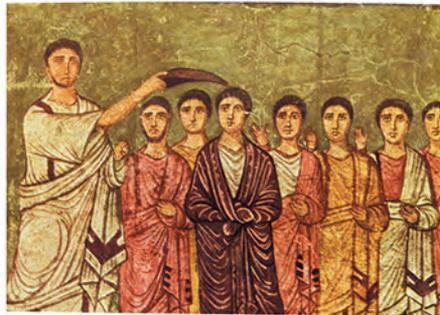




SÉRIE
COMENTÁRIO EXPOSITIVO

1 & 2 SAMUEL



Robert B. Chisholm Jr.

Sumário

Seja bem-vindo à <i>Série Comentário</i> <i>Expositivo</i>	ix
Introdução à <i>Série Comentário</i> <i>Expositivo</i>	xi
Reduções gráficas (abreviações e siglas)	xiii
Introdução a 1 e 2Samuel	1
1Samuel 1.1—2.11	8
<i>Esterilidade, adeus!</i>	
1Samuel 2.12-36	14
<i>O desrespeito pode ser fatal</i>	
1Samuel 3	20
<i>O Senhor escolhe um profeta</i>	
1Samuel 4	26
<i>Derrota, morte e abandono</i>	
1Samuel 5	32
<i>A arca causa estragos</i>	
1Samuel 6	38
<i>O retorno da arca</i>	
1Samuel 7	44
<i>Arrependimento e vitória</i>	
1Samuel 8	50
<i>Israel exige um rei</i>	
1Samuel 9.1—10.8	56
<i>Conheça o novo rei de Israel</i>	
1Samuel 10.9-27	62
<i>Cuidado com o que pede</i>	
1Samuel 11	68
<i>O melhor momento de Saul</i>	
1Samuel 12	74
<i>Samuel confronta o povo</i>	
1Samuel 13.1-15	80
<i>Saul perde a dinastia</i>	
1Samuel 13.16—14.23	86
<i>A fé de Jônatas impele para a vitória</i>	
1Samuel 14.24-52	92
<i>A vitória é depreciada por causa de Saul</i>	
1Samuel 15.1-22	98
<i>Obediência é melhor que sacrifícios</i>	
1Samuel 15.23-35	104
<i>Saul perde o trono</i>	
1Samuel 16	110
<i>O Senhor escolhe um novo rei</i>	
1Samuel 17	116
<i>A fé de Davi impele para a vitória</i>	
1Samuel 18	122
<i>O Senhor está com Davi</i>	
1Samuel 19	128
<i>As “sete vidas” de Davi</i>	
1Samuel 20	134
<i>A proteção divina se manifesta por meio de um amigo fiel</i>	
1Samuel 21.1—22.5	140
<i>Davi, o fugitivo</i>	
1Samuel 22.6-23	146
<i>A fúria de Saul</i>	

1Samuel 23	152	2Samuel 13	244
<i>O Senhor guia, encoraja e protege Davi</i>		<i>Você colhe o que semeia</i>	
1Samuel 24	158	2Samuel 14.1—15.12	250
<i>Davi poupa a vida de Saul</i>		<i>Um filho pródigo retorna ao lar, de corpo,</i>	
1Samuel 25	164	<i>mas não de alma</i>	
<i>Davi ouve a voz da sabedoria</i>		2Samuel 15.13-37	256
1Samuel 26	170	<i>Davi foge para salvar a vida — outra vez</i>	
<i>Davi poupa a vida de Saul — outra vez</i>		2Samuel 16.1-14	260
1Samuel 27.1—28.2	176	<i>O Senhor frustra uma maldição</i>	
<i>Davi foge para Gate — outra vez</i>		2Samuel 16.15—17.29	266
1Samuel 28.3-25	182	<i>O Senhor frustra um conselheiro astuto</i>	
<i>Uma sessão espírita em En-Dor: más</i>		2Samuel 18.1—19.8	272
<i>notícias do além</i>		<i>“Ah, meu filho Absalão, meu filho, meu</i>	
1Samuel 29 e 30	188	<i>filho Absalão!”</i>	
<i>Como escapar de uma teia de intrigas</i>		2Samuel 19.9—20.26	278
1Samuel 31—2Samuel 1	194	<i>O retorno do rei causa tumulto no reino</i>	
<i>Não conte isso em Gate!</i>		Considerações adicionais	284
2Samuel 2.1—5.5	200	<i>A estrutura e a função de 2Samuel 21—24</i>	
<i>O caminho para o trono é coberto</i>		2Samuel 21.1-14	286
<i>de sangue</i>		<i>Vingança de sangue em Gibeá</i>	
2Samuel 5.6-25	206	2Samuel 21.15-22; 23.8-39	292
<i>Davi, o conquistador</i>		<i>Os guerreiros de Davi</i>	
2Samuel 6	212	2Samuel 22	296
<i>Um lugar de descanso para a arca</i>		<i>“O SENHOR é a minha rocha”</i>	
2Samuel 7	218	2Samuel 23.1-7	302
<i>O Senhor decide edificar uma casa</i>		<i>Governar no temor do Senhor</i>	
<i>para Davi</i>		2Samuel 23.8-39	
Considerações adicionais	224	<i>(juntamente com 21.15-22, na estrutura</i>	
<i>A aliança davídica</i>		<i>concêntrica do epílogo)</i>	
2Samuel 8—10	226	2Samuel 24	306
<i>Travando batalhas e cumprindo uma</i>		<i>Uma praga sobrevém a Israel por causa</i>	
<i>promessa: Davi estabelece um ideal</i>		<i>de Davi</i>	
<i>de reinado</i>		Notas	312
2Samuel 11	232	Bibliografia	322
<i>“Mas que teia emaranhada tecemos”:</i>		Créditos das imagens	328
<i>o poder envenena a consciência</i>		Índice de assuntos	330
2Samuel 12	238		
<i>“O pecado de vocês os encontrará”:</i>			
<i>o Senhor confronta seu servo pecador</i>			

Seja bem-vindo à

Série Comentário Expositivo

Por que mais uma série de comentários? Essa foi a pergunta feita pelos organizadores quando a editora Baker Books nos pediu para produzir esta série. Temos algo a oferecer aos pastores e professores que não se encontram em outras séries de comentários, ou que possa ser apresentado de modo mais proveitoso? Depois de fazer uma pesquisa criteriosa sobre as necessidades de pastores que ensinam o texto bíblico semanalmente, concluímos que é possível, sim, oferecer algo mais. Elaboramos este comentário tendo em mente preencher essa importante lacuna.

O caráter técnico dos comentários atuais muitas vezes sobrecarrega os leitores com detalhes secundários ao propósito central do texto bíblico. As discussões sobre fontes, a crítica da redação, bem como os levantamentos detalhados da literatura secundária parecem distantes da pregação e do ensino da Palavra. Em vez de se embrenharem em discussões técnicas, os pastores em geral lançam mão de comentários devocionais, os quais podem conter deficiências exegéticas, usos indevidos do grego e do hebraico e pouco refinamento

hermenêutico. Existe a necessidade de um comentário que empregue o que há de melhor em termos de pesquisa e estudos bíblicos, mas que também apresente o material de forma clara, concisa, atraente e fácil de usar.

Este comentário foi desenvolvido para cumprir esse propósito: disponibilizar uma obra de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido em unidades de tamanho adequado à pregação, cuidadosamente selecionadas, cada qual desenvolvida em seis páginas (que propiciaram o controle do número de palavras tanto da passagem inteira como de cada subseção). Desse modo, pastores e professores que se preparam semanalmente com o auxílio desta obra vão saber que estão lendo a cada semana, de modo aproximado, a mesma quantidade de texto.

Cada passagem começa com um resumo conciso da mensagem principal, ou a “Ideia central”, da passagem e uma lista de seus principais temas. Na sequência, há uma interpretação mais detalhada do texto que

inclui o contexto literário da passagem, seus antecedentes históricos e considerações interpretativas. Ao mesmo tempo em que o material lança mão dos mais excelentes estudos bíblicos acadêmicos, também é claro, conciso e objetivo. Informações de caráter técnico são limitadas ao mínimo possível; as notas ao final de cada capítulo indicam ao leitor onde encontrar discussões mais detalhadas e recursos adicionais.

Outro foco importante deste comentário é o processo de pregação e ensino em si. Hoje em dia, são poucos os comentários que ajudam o pastor ou professor a fazer a transição entre o significado do texto e sua comunicação eficaz. Nosso objetivo é preencher essa lacuna. Além da interpretação do texto na seção “Para entender o texto”, cada unidade de até seis páginas traz as

seções “Para ensinar o texto” e “Para ilustrar o texto”. A seção sobre ensino destaca os principais temas teológicos da passagem e maneiras de comunicar esses temas ao público atual. A seção sobre ilustrações oferece ideias e exemplos para cativar a atenção dos ouvintes e associar a mensagem ao dia a dia das pessoas.

O formato criativo deste comentário nasceu da convicção de que a Bíblia não é apenas um registro daquilo que Deus fez no passado, mas, sim, a Palavra de Deus, “viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4.12). Nosso desejo é que este comentário ajude a liberar esse poder transformador para a glória de Deus.

Os Organizadores

Introdução à

Série Comentário Expositivo

Esta série foi elaborada para disponibilizar obras de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido de modo criterioso em unidades fiéis às ideias dos autores bíblicos e de extensão adequada ao ensino ou à pregação.

As seguintes seções são apresentadas em cada unidade.

1. *Ideia central.* Em cada unidade, o comentário identifica o tema principal, ou “Ideia central”, que motiva tanto a passagem quanto o comentário.
2. *Principais temas.* Em conjunto com a “Ideia central”, o comentário apresenta uma lista de ideias-chave da passagem.
3. *Para entender o texto.* Esta seção se concentra na exegese do texto e inclui várias subseções:
 - a. *Texto em contexto.* Aqui o autor explica de modo sucinto como a unidade em estudo se encaixa no desdobramento do texto ao seu redor, inclusive no tocante

à estratégia retórica do livro e à contribuição da unidade para o propósito do livro.

- b. *Esboço/Estrutura.* No caso de alguns gêneros literários (p. ex., cartas), por vezes é oferecido um breve esboço exegético para guiar o leitor enquanto este acompanha a estrutura e o desdobramento da passagem.
- c. *Antecedentes históricos e culturais.* Esta subseção trata de informações relativas aos antecedentes históricos e culturais, úteis no esclarecimento de um versículo ou de uma passagem.
- d. *Considerações interpretativas.* Esta subseção fornece informações necessárias à clara compreensão da passagem. A intenção do autor é ser extremamente seletivo e conciso, e não exaustivo e extenso.
- e. *Considerações teológicas.* Nesta subseção bastante sucinta, o comentário identifica algumas considerações de ordem teológica cuidadosamente selecionadas a respeito da passagem.

4. *Para ensinar o texto.* Nesta seção, o comentário oferece orientações voltadas para o ensino do texto. O autor apresenta os principais temas e aplicações da passagem e os associa, cuidadosamente, à “Ideia central” e aos “Principais temas”.
5. *Para ilustrar o texto.* Aqui o comentário sugere ilustrações úteis em áreas como literatura, entretenimento, história e biografia. O propósito é oferecer ideias gerais para ilustrar os principais temas da passagem e, desse modo, servir como catalisador para uma ilustração eficaz do texto.

Nota dos editores

Estamos convencidos de que esta obra será uma ferramenta útil e benéfica a ministros, professores e leigos cristãos, uma vez que contribuirá para encurtar a distância entre o texto bíblico e sua

aplicação. Cumpre ressaltar, porém, que nem sempre concordaremos com os posicionamentos de cada autor e que nenhuma ferramenta deve substituir o estudo do texto bíblico.

Reduções gráficas (abreviações e siglas)

§	parágrafo		(Boston: Brill, 2003). 3 vols.
ANET	Pritchard, James B., org. <i>Ancient Near Eastern texts relating to the Old Testament</i> . 3. ed. (Princeton: Princeton University Press, 1969).	esp.	especialmente
ARAB	Luckenbill, Daniel David. <i>Ancient records of Assyria and Babylonia</i> (Chicago: University of Chicago Press). p. 1926-7. 2 vols.	HALOT	Koehler, Ludwig; Baumgartner, Walter. <i>The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament</i> . Revisão de W. Baumgartner; J. J. Stamm. Tradução e organização de M. E. J. Richardson (Boston: Brill, 2001). 2 vols.
AT	Antigo Testamento	LXX	Septuaginta, versão grega antiga do AT
BDB	Brown, Francis; Driver, S. R.; Briggs, Charles A. <i>The new Brown, Driver, Briggs, Gesenius Hebrew and English lexicon</i> (Peabody: Hendrickson, 1979).	marg.	margem (variante textual)
c.	cerca de, por volta de	NIDOTTE	VanGemenen, Willem A. org. <i>New international dictionary of Old Testament theology and exegesis</i> (Grand Rapids: Zondervan, 1997). 5 vols. [Edição em português: <i>Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento</i> (São Paulo: Cultura Cristã, 2012). 5 vols.]
cap(s).	capítulo(s)		
cf.	conferir		
cp.	comparar com		
COS	Hallo, William W.; Younger, K. Lawson, orgs. <i>The context of Scripture</i>		

n.	nascido em (no texto)		Rapids: Eerdmans, 1974-2006). 15 vols.
n.	número (nas notas)		
NRSV	New Revised Standard Version	v.	versículo(s)
NT	Novo Testamento	TM	Texto massorético; texto hebraico ou numeração de versículos no texto hebraico
p. ex.	por exemplo		
reimpr.	reimpressão		
rev.	revisão de	ZIBBCOT	Walton, John H., org. <i>Zondervan illustrated Bible backgrounds commentary: Old Testament</i> (Grand Rapids: Zondervan, 2009). 5 vols.
TDOT	Botterweck, G. Johannes; Ringgren, Helmer, orgs. <i>Theological dictionary of the Old Testament</i> (Grand		

Introdução a 1 e 2Samuel

Relevância canônica

Os livros de 1 e 2Samuel estão no âmago do relato bíblico sobre a história de Israel. O livro de Juízes termina com a observação de que pelo menos parte do caos moral que caracterizou o período dos juízes podia ser atribuída à falta de um rei em Israel (Jz 21.25; cf. 17.6). Esse problema é aparentemente resolvido em 1Samuel, pois o Senhor dá um rei a Israel. Contudo, à medida que o reinado de Saul vai de mal a pior, logo descobrimos que de nada adiantará ter um rei qualquer. A ascensão de Davi, o homem “segundo o [...] coração” de Deus (1Sm 13.14), parece corrigir o curso de Israel, mas seu reinado também é marcado por erros trágicos e por uma volta ao caos que caracterizou o período dos juízes. No entanto, em contraste com seu relacionamento com Saul, o Senhor se comprometeu com Davi por meio de uma aliança, preserva-o no trono de Israel e, com isso, dá ao leitor a esperança de que nem tudo está perdido. A promessa pactual feita pelo Senhor a Davi é um acontecimento central na história de Israel e uma garantia de que, no devido tempo, os propósitos de Deus para seu povo se cumprirão. Quando 2Samuel termina, o leitor pode prosseguir com a história, certo de que o Senhor tem

um plano para seu povo e o realizará por meio de seu servo escolhido, ainda que imperfeito, Davi.

Estratégia literária

Três personagens principais, cujas carreiras se sobrepõem, dominam as páginas de 1 e 2Samuel: Samuel (1Sm 1—16), Saul (1Sm 9—31) e Davi (1Sm 16—2Sm 24). Davi é o foco da narrativa; do ponto de vista literário e histórico, os outros dois personagens operam principalmente em relação a ele. Samuel, como profeta escolhido pelo Senhor, unge tanto Saul quanto Davi. Saul é o rei que Israel deseja e, talvez, mereça. No fim das contas, porém, ele é a antítese de Davi, que, pelo menos em seu auge, é o rei de que Israel precisa.

O narrador de 1 e 2Samuel mostra a superioridade de Davi em relação a Saul. Ele inicia sua defesa do reinado de Davi ao estabelecer as credenciais de Samuel como profeta do Senhor. Isso é importante para sua estratégia, pois Samuel, o porta-voz autorizado do Senhor, por fim acaba condenando Saul e sua dinastia e, ao mesmo tempo, unge Davi como o novo rei. O apoio de Samuel a Davi se torna basilar para a defesa de Davi apresentada pelo narrador.

Afinal, como é possível discutir com Samuel? A cada capítulo, a narrativa evidencia a superioridade de Davi em relação a Saul, fato que praticamente todos reconhecem, inclusive o próprio Saul. O ponto alto dessa apresentação ocorre quando o Senhor faz uma promessa a Davi que assegura sua dinastia (2Sm 7). O leitor pode imaginar, evidentemente, que o grande pecado de Davi levará a sua derrocada e à perda de sua posição especial, como aconteceu com Saul. Contudo, até mesmo o relato do fracasso de Davi contribui para a defesa de seu reinado pelo narrador. Embora, sem dúvida, retratando de modo assustadoramente detalhado as medidas disciplinares do Senhor, o narrador deixa claro que o compromisso do Senhor com Davi permanece inabalado. Aliás, uma história extremamente trágica termina em tom otimista à medida que os poemas do epílogo, que ocupam uma posição central em relação aos temas, celebram a condição de Davi como aquele que recebe a promessa divina (veja 2Sm 22.51; 23.5).

Relações literárias com Juízes

A Bíblia hebraica é dividida em três seções: a Torá (Lei), os Profetas e os Escritos. Os Profetas são divididos em duas partes: Profetas Anteriores e Profetas Posteriores. Os dois livros de Samuel fazem parte dos Profetas Anteriores, que incluem Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis (na Bíblia hebraica, Rute faz parte dos Escritos). Os Profetas Anteriores registram a história de Israel desde a entrada na Terra Prometida, sob a liderança de Josué, até sua expulsão da Terra em 586 a.C. Embora essa história contenha, sem dúvida, muitas fontes literárias redigidas durante esse longo período, em sua forma final trata-se de uma unidade literária completa, com uma trama abrangente, bem como vários subtemas. Em resumo, é uma narrativa em todos os sentidos da palavra, embora apresente grande diversidade literária.

Como narrativa, os Profetas Anteriores apresentam as características esperadas de uma obra literária, incluindo prefigurações e paralelismos. É particularmente o caso de 1 e 2 Samuel em relação a Juízes. O narrador utiliza os padrões de Juízes em sua caracterização de Samuel, Saul e Davi.

Do ponto de vista literário, Sansão (Jz 13—16) e Mica (Jz 17—18) são contrastados com Samuel. Os relatos a respeito dos três começam com uma fórmula semelhante (Jz 13.2; 17.1; 1Sm 1.1). Samuel, assim como Sansão, nasce de uma mulher estéril. A fraqueza moral e a falta de



Esse afresco, que retrata a unção de Davi por Samuel, faz parte das ruínas da sinagoga em Dura-Europos (245 d.C.).

sabedoria de Sansão, porém, levaram à sua humilhação e morte, enquanto Samuel, em sua fidelidade, se torna catalizador de um avivamento político e religioso. Sansão apenas começou a libertar Israel dos filisteus (Jz 13.5), mas Samuel e o grande rei ungido por ele, no final, completam essa tarefa (1Sm 7.14; 17.1-58; 2Sm 5.17-25; 8.1). Em contraste com Mica, cuja idolatria levou ao surgimento de um centro religioso apóstata que competia com o santuário autorizado em Siló, a influência piedosa de Samuel restaura Siló a sua posição legítima (1Sm 3.21).¹

Quanto a Saul, embora seja bem-apegoado e tenha sido capacitado pelo Espírito Santo (1Sm 10.10; 11.6), revela-se um fracasso trágico, representando tudo o que há de errado com o antigo Israel e com muitos de seus líderes. Ele é semelhante a vários personagens que o narrador apresenta sob uma ótica negativa em pontos anteriores da narrativa. Sua hesitação inicial em assumir a responsabilidade de liderar (1Sm 10.22) lembra Baraque (Jz 4) e Gideão (Jz 6 e 7), e suas declarações formais de compromisso (1Sm 14.28,44) são tão precipitadas quanto as de Jefté (Jz 11.30,31) e das demais tribos em relação a Benjamim (Jz 21.1). Sua incapacidade de obedecer a todos os detalhes das instruções de Deus acerca da destruição dos inimigos de Israel (1Sm 15) traz à memória o pecado de Acã (Js 7). Como Sansão, Saul expressa em seus últimos momentos de vida o desejo de morrer e é publicamente ridicularizado pelos filisteus (Jz 16.21-30; 1Sm 31.1-10).

A carreira de Davi, de modo semelhante, reflete padrões estabelecidos anteriormente na história. Durante sua ascensão ao poder e nos primeiros anos de seu reinado, ele



Israel conseguiu expandir suas fronteiras durante o reinado de Davi graças à fraqueza política das principais potências do antigo Oriente Próximo. O mapa mostra os impérios do antigo Oriente Próximo em 900 a.C.

demonstra muitas das qualidades admiráveis dos primeiros grandes líderes de Israel. Demonstrando fé e coragem, Davi completa as conquistas militares iniciadas por Josué (2Sm 5). Assim como Josué e Calebe, ele confia no poder de Deus mesmo quando confrontado por guerreiros gigantes (cp. 1Sm 17 com Nm 13.22,33; Js 11.21,22; 15.14). Como Otoniel, conquista a mão da filha de um líder proeminente por meio de seus feitos militares heroicos (cp. Jz 1.12,13 com 1Sm 17.25; 18.20-28). No entanto, quando vê “uma mulher” e sucumbe à lascívia (2Sm 11.2), deixa de ser o novo Josué/Calebe/Otoniel e se torna o novo Sansão. Desse ponto da narrativa em diante, a família de Davi padece dos mesmos pecados que caracterizam o período dos juízes: estupro, assassinato e guerra civil (cp. Jz 19—21 com 2Sm 13—20).

Estrutura

Talvez a maneira mais simples de esboçar 1 e 2Samuel seja por meio de uma divisão

em três partes correspondente aos três personagens principais. Samuel é o foco de 1Samuel 1—8, Saul, de 1Samuel 9—31 e Davi, de 2Samuel. Tendo em vista, porém, a extensa sobreposição da trajetória dos três personagens, esse esboço é simplista demais. Ao contrário de Juízes, 1 e 2Samuel não apresentam marcadores estruturais claros no nível de macroestrutura, de modo que talvez seja mais adequado esboçar 1 e 2Samuel à luz das ações principais de sua trama, as quais giram em torno do tema do reinado:

Prelúdio ao reinado: o Senhor escolhe Samuel para liderar Israel (1Sm 1—7)

Início do reinado: Saul se torna rei de Israel (1Sm 8—12)

Fracasso do reinado: Saul perde sua dinastia e seu trono (1Sm 13—15)

Período de indefinição no reinado: o Senhor escolhe e protege um novo rei (1Sm 16—31)

O reinado é reavivado: o Senhor estabelece o trono e a dinastia de Davi (2Sm 1—10)

O reinado é ameaçado e preservado: o Senhor castiga e preserva Davi (2Sm 11—20)

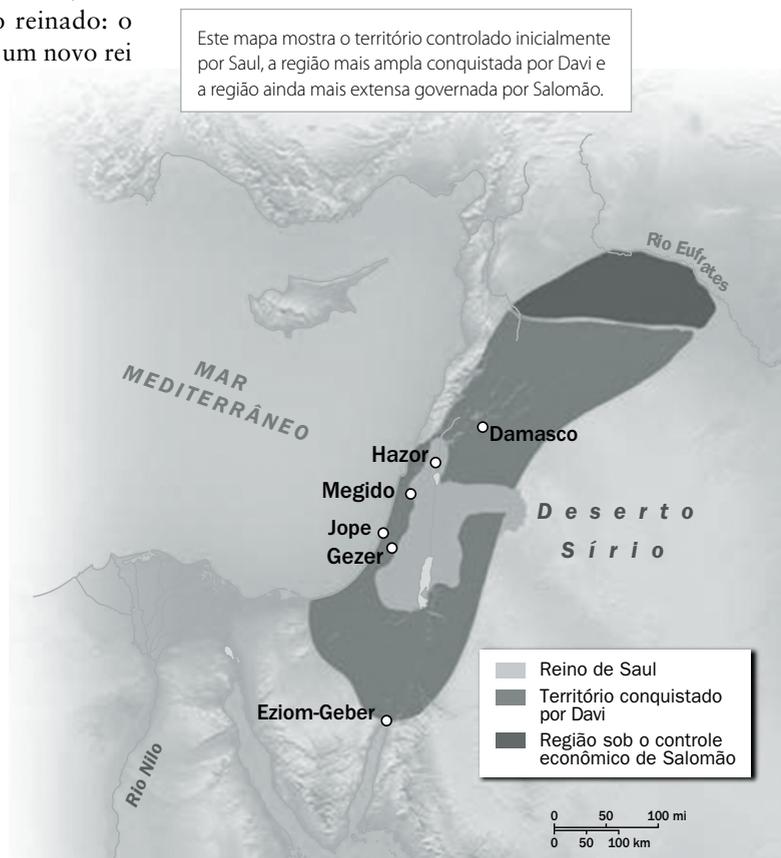
Epílogo: um microcosmo do reinado davídico (2Sm 21—24)

Foco e abordagem deste comentário

Como indicado nas palavras de boas-vindas da Série, este comentário não visa ser uma obra de referência com uma análise exaustiva do texto. Há muitas obras desse tipo

disponíveis em inglês e várias delas são citadas nas notas de rodapé do presente volume. O propósito deste comentário é identificar os principais temas de cada unidade literária, mostrar como o texto propriamente dito os desenvolve e sugerir de que maneira pastores e professores podem aplicar esses temas para o público contemporâneo de modo relevante e preciso. Por esse motivo, os leitores devem consultar os comentários de referência para abordagens detalhadas de problemas associados à alta crítica, para informações contextuais históricas e culturais e para questões técnicas. Este comentário se concentra nas dimensões temática e teológica do texto. Visto que os temas teológicos são, muitas vezes, entrelaçados com suas características literárias, o comentário leva

Este mapa mostra o território controlado inicialmente por Saul, a região mais ampla conquistada por Davi e a região ainda mais extensa governada por Salomão.



em consideração a dimensão literária do texto, especialmente as ligações intertextuais presentes nos Profetas Anteriores e em 1 e 2Samuel. Causa estranheza que essa dimensão literária tenha sido ignorada em boa parte dos comentários de referência que, infelizmente, e de modo típico, dedica tanta atenção às árvores que não vê a floresta.

A transição do texto para a lição

Como observamos anteriormente, a preocupação central do narrador é mostrar que Davi (e não Saul) é o rei escolhido pelo Senhor e o herdeiro de uma promessa pactual que garante o cumprimento dos propósitos de Deus para seu povo, Israel. Ao longo de todo o comentário, mostro de que maneira cada unidade literária contribui para essa estratégia. Na maior parte dos casos, essas observações aparecem na seção “Texto em contexto”. Uma exposição sadia do livro deve manter essa intenção do autor diante dos ouvintes contemporâneos. Embora os temas inter-relacionados da eleição de Davi e de sua superioridade em relação a Saul não pareçam tão relevantes hoje quanto eram para o público israelita antigo, é importante reconhecer o papel fundamental da aliança davídica para a teologia bíblica, e, portanto, para a nossa compreensão da cristologia.

Não estou sugerindo que esse tema estratégico esgote o potencial de aplicação de 1 e 2Samuel, nem que devemos simplesmente apresentar uma série de lições que afirmem de modo repetitivo a eleição de Davi e a importância da aliança davídica. As Escrituras são multidimensionais demais para as espremermos num molde como esse. Debajo do bojo da eleição divina de Davi, o narrador entretece a história de Israel de tal forma que surgem vários temas, muitas vezes inter-relacionados. Na

seção “Principais temas” procuro apresentar esses assuntos assim como um público israelita antigo pode tê-los entendido. Na identificação dos temas, segui as indicações do próprio texto. Em 1Samuel 1—17, por exemplo, o tema principal de praticamente todas as unidades de texto [perícopes] é declarado de modo geral por meio de um pronunciamento (citação) que ocorre em cada episódio (veja 2.1-10,30; 4.21,22; 5.7; 6.5,6,20; 7.3,12; 8.7; 9.16; 10.19; 11.13; 12.14,15,22,24,25; 13.14; 14.6,29; 15.22,23; 16.7; 17.45-47).

Com o intuito de destacar os temas do texto, tenho constantemente levantado duas questões: (1) De que maneira Deus se revela nessa passagem? Em outras palavras, o que essa passagem nos ensina a respeito do caráter de Deus? (2) De que maneira Deus se relaciona com seu povo nessa passagem? Em outras palavras, de que maneira Deus intervém na história e/ou se posiciona diante das ações dos personagens humanos? Emprego, portanto, um princípio hermenêutico teocêntrico, procurando me concentrar naquilo que aprendemos no relato a respeito de nosso Deus soberano e relacional. Essa abordagem é basililar para uma exposição sadia das Escrituras, da qual um dos propósitos principais é revelar o Deus infinito a suas criaturas finitas.

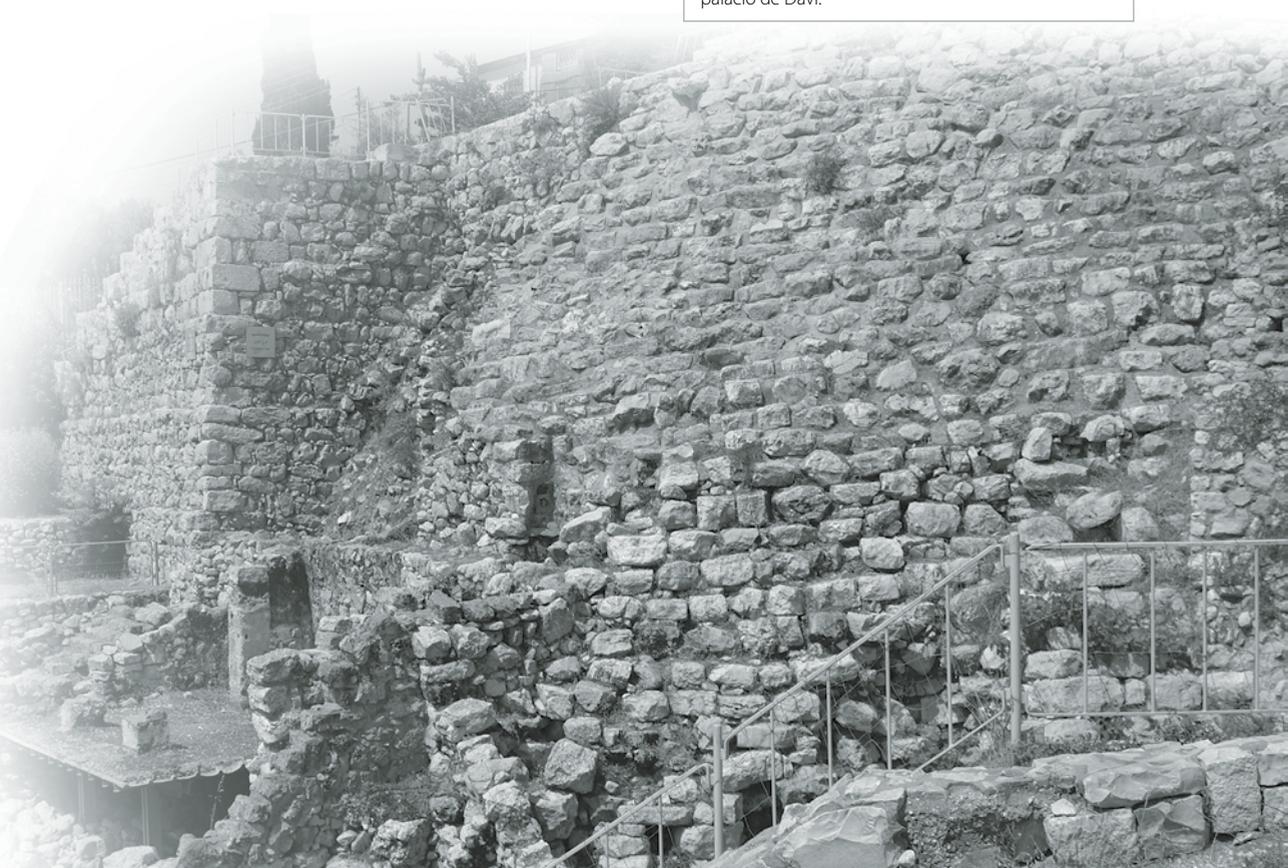
No entanto, as ações e experiências dos personagens da narrativa também são instrutivas e contribuem para a mensagem do texto. É verdade que os personagens principais são líderes que ocupam cargos especiais na comunidade da aliança em determinada época e em determinado lugar da história de Israel. Por esse motivo, não podemos simplesmente supor que suas ações e experiências são normativas ou paradigmáticas. Ao mesmo tempo, porém, não podemos relegar suas ações e experiências apenas a seu contexto histórico, como se fossem inteiramente limitadas pela época. Afinal,

espera-se que os reis de Israel sejam líderes espirituais da comunidade da aliança (Dt 17.14-20). Aliás, os destinos do rei e da comunidade estão ligados um ao outro (1Sm 12.13-15,24,25). O povo de Deus tem muito o que aprender com os êxitos e fracassos desses reis, especialmente nos casos em que eles obedecem ou desobedecem aos mandamentos da aliança que se aplicam a toda a comunidade.

Ao desenvolver os temas da narrativa, procurei levar em consideração também o público-alvo implícito do narrador (o público que ele tem em mente). Infelizmente, não sabemos quando 1 e 2Samuel foram escritos. Podemos pressupor com segurança que pelo menos parte das fontes do texto teve origem no reinado de Davi ou de Salomão, pois a apologia pró-Davi, em conjunto com os argumentos anti-Saul, seriam

particularmente relevantes nesse contexto. Não podemos, contudo, restringir o livro em sua forma atual apenas a esse contexto histórico específico. Como observamos anteriormente, ele faz parte de uma história mais ampla, conhecida como Profetas Anteriores. A narrativa dos Profetas Anteriores culmina com o Exílio (2Rs 25.27-30), de modo que podemos supor que o público em questão é a geração do Exílio ou do pós-Exílio. Com isso em mente, na tentativa de identificar e desenvolver o(s) tema(s) do texto, tenho me perguntado: De que maneira a unidade literária em questão teria afetado os exilados? Ao incluir ou manter esse episódio específico dentro da narrativa mais ampla, que ideia o autor deseja passar para seus leitores exilados?

Essa construção escalonada de pedra, chamada Milo, situada na antiga Cidade de Davi, em Jerusalém, talvez servisse de base para um edifício real, como o palácio de Davi.



Que lições o texto oferece a eles? Minhas ideias a esse respeito aparecem, em geral, na seção “Considerações teológicas”.

Por fim, depois de extrair os temas do texto, tomo-os como base para os princípios apresentados e desenvolvidos na seção “Para ensinar o texto”. Nessa seção, procuro desenvolver as assim chamadas verdades perenes a partir dos temas do texto e construir uma ponte entre o contexto antigo e nossa situação atual. Espero que,

desse modo, os ensinamentos voltados para o contexto contemporâneo estejam firmemente arraigados no propósito do texto em seu contexto antigo e reflitam a intenção do Autor divino para a passagem. A esse respeito, as declarações que aparecem no item “Ideia central” de cada unidade textual ressaltam o princípio-chave atemporal encontrado nessa unidade. Com frequência, a “Ideia central” resume os temas numa só declaração concisa.

Esterilidade, adeus!

Ideia central *O Senhor, o Rei incomparável, faz justiça a seus seguidores leais.*

Para entender o texto

Texto em contexto

O período dos juízes foi um ponto baixo na história de Israel. Sem liderança efetiva, o povo de Deus chegou ao fundo do poço em termos morais, éticos e espirituais. Os últimos capítulos de Juízes trazem relatos assustadores de estupro coletivo, guerra civil, sequestros e massacres de tribos e cidades inteiras. O livro chega ao fim com a declaração: “Naqueles dias não havia rei em Israel; cada um fazia o que lhe parecia certo” (Jz 21.25).

O livro de 1Samuel é uma sequência apropriada para Juízes. Samuel reverte a tendência decadente da liderança retratada em Juízes e, por fim, unge Davi como rei, oferecendo à nação a esperança de que a situação lastimada no final de Juízes seja corrigida. O livro começa com o relato do nascimento de Samuel. A personagem central da narrativa é Ana, uma mulher estéril e aflita. Seu sofrimento e opressão não causam espanto, visto que Juízes termina com o relato de mulheres israelitas vitimadas pelo zelo inconsequente de seus próprios compatriotas e pela crueldade deles.

Um dos temas centrais de 1 e 2Samuel é o direito divino que Davi recebe de governar como rei de Israel. O narrador mostra

que Deus rejeita Saul e escolhe Davi. Embora Davi demonstre certa ambição política, ele não usurpa o trono lançando mão de sua autoridade divina como meio de justificar essa manobra política. Em vez de resolver a questão por conta própria, ele respeita Saul como governante ungido por Deus e espera até que Deus remova Saul do trono. Samuel exerce um papel importante dentro dessa situação: depois de ungir Saul como rei, Samuel também pronuncia com autoridade profética que Deus rejeitou Saul imediatamente antes de ungir a Davi como o sucessor dele. Por isso, é importante que o narrador comprove as credenciais de Samuel. O relato de seu nascimento por intervenção divina (cf. 1Sm 1.19; 2.5), de uma mãe que demonstra lealdade inabalável ao Senhor, contribui para esse fim. Além disso, este relato também liga Samuel aos patriarcas Isaque e Jacó, que também foram concebidos por mulheres outrora estéreis, e sugere que Samuel desempenhará um papel no cumprimento das promessas antigas do Senhor aos patriarcas. O fato de o Senhor livrar Ana da humilhação também pronuncia o modo como livrará seu povo de seus inimigos por meio do filho de Ana e do rei que ele ungirá, como a própria Ana antevê em seu cântico de gratidão (2.10).¹

Antecedentes históricos e culturais

Os cananeus (vizinhos do antigo Israel) adoravam Baal, o deus da fertilidade, e o consideravam um guerreiro poderoso que controlava os elementos da tempestade. Para eles, Baal era responsável tanto pela fertilidade agrícola quanto pela humana. A tentativa de Baal de tornar-se rei, sob a autoridade máxima do deus supremo El, é o tema principal dos textos mitológicos cananeus. Baal derrota Yam, deus do mar indomável e ameaçador, mas em seguida precisa enfrentar Mot, o deus do submundo e da morte. Inicialmente, para desespero de El e dos outros deuses, Mot vence Baal. Em seguida, porém, Baal torna a viver e mais dia, menos dia, entra numa batalha violenta com Mot. Baal vence, mas fica a impressão de que a luta pelo poder não terminou. O mito refletia as realidades da natureza. Quando chovia no tempo devido e as plantações cresciam, Baal estava no controle. Mas, quando secas interrompiam o ciclo natural e causavam fome, Mot havia derrotado Baal.

Em seu cântico de louvor depois do nascimento de Samuel, Ana declara que o Senhor é incomparável a todos os outros que se supõe serem deuses. Ana vivia numa época em que muitos adoravam a Baal, o deus da fertilidade (cf. Jz 2.11-13; 6.25-32; 8.33; 10.6,10; 1Sm 7.4), e poderia ser tentada a buscar a ajuda desse deus tão renomado para livrá-la de sua esterilidade. No entanto, ela permanece fiel ao Senhor e é vindicada. Ana afirma que o Senhor é soberano e, com isso, desafia a crença cananea de que Baal é o rei incomparável, que garante a fertilidade. Em contraste com Baal, que de tempos em tempos

Principais temas de 1Samuel 1.1—2.11

- O Senhor dá início ao processo de prover liderança competente para Israel.
- O Senhor é o Rei incomparável, que protege seus seguidores e lhes faz justiça.

sucumbe ao deus da morte, o Senhor tanto tira a vida quanto a concede. O Senhor, e não Baal, é quem troveja na tempestade.²

Considerações interpretativas

1.1 *Havia certo homem de Ramataim [...] cujo nome era Elcana.* A narrativa sobre Ana começa da mesma forma que as narrativas a respeito de Sansão (Jz 13.2: “Havia certo homem em Zorá, da tribo de Dã, chamado Manoá”) e Mica (Jz 17.1: “Havia um homem chamado Mica, na região montanhosa de Efraim”). Em contraste com a mãe anônima de Sansão, cujo filho nazireu concebido de modo sobrenatural não reconhece seu papel como libertador enviado pelo Senhor e nunca chega a ser um líder eficaz, Ana dá à luz de modo sobrenatural a um filho por meio do qual o Senhor restaura a liderança eficaz a Israel. Sansão apenas começa a livrar Israel (Jz 13.5), mas Samuel e depois Davi, ungido rei por Samuel, derrotam os inimigos de Israel (1Sm 7.14; 17.1-58; 2Sm 5.17-25; 8.1). A obsessão da mãe anônima de Mica com os ídolos contribui para a natureza e o *modus operandi* de adoração não autorizado dos danitas (Jz 17—18).



Um deus, talvez Baal, é retratado como guerreiro nessa estatueta de bronze de Tiro (1400-1200 a.C.).

A lealdade de Ana ao Senhor, porém, serve de catalizador para o reavivamento da verdadeira adoração por meio da liderança espiritual de seu filho, Samuel.

1.5 e o SENHOR havia cerrado o seu útero.

O narrador introduz um elemento de tensão no relato ao informar que o Senhor é responsável pela condição de Ana.³ No mundo bíblico, acontecimentos e circunstâncias que talvez chamemos ocorrências naturais são atribuídos a Deus. Dificilmente considerariamos a infertilidade de uma mulher resultado de desprazer divino. Porém, a família de Ana e até mesmo a própria Ana talvez se perguntem se Deus está insatisfeito com ela, visto que parece ter sido excluída de sua promessa de bênção (Êx 23.25,26; Dt 7.14). Quando o Senhor responde a sua oração por um filho, o caráter de Ana é vindicado.

1.6 sua rival continuava a provocá-la, a fim de irritá-la. Sabemos com base na leitura dos relatos patriarcais em Gênesis que a poligamia dá origem a conflitos domésticos, especialmente quando uma das esposas é estéril. O mesmo acontece na casa de Elcana. O narrador identifica Penina como *rival* de Ana, pois ela ridiculariza a condição de Ana a ponto de esta chorar e recusar-se a comer (v. 7). Esse retrato da angústia de Ana prepara o cenário para sua súplica desesperada por alívio de sua humilhação.



Ana, em desespero por causa de sua esterilidade, se volta para o Senhor. Outras mulheres em sua situação talvez usassem estatuetas de fertilidade. A imagem mostra uma peça de barro que exagera os contornos femininos. Centenas dessas "estatuetas em forma de coluna", datadas entre os séculos 8 e 7 a.C., foram encontradas em Judá. Na opinião de alguns, eram uma espécie de talismã para proporcionar fertilidade e ajudar no parto.

1.10 Em sua profunda angústia, Ana orou ao SENHOR, chorando amargamente. A expressão "angústia profunda" indica depressão profunda e angústia emocional (Jó 3.20-22; 10.1; Pv 31.6,7; Ez 27.31). As palavras da própria Ana dão testemunho de seu sofrimento intenso. Ela fala de sua "miséria" (v. 11) e "grande angústia e aflição" (v. 16); descreve a si mesma como "profundamente conturbada" (v. 15). Ao enfatizar o sofrimento de Ana, o narrador prepara o cenário para a intervenção do Senhor. O Senhor não é indiferente à dor e à opressão dos necessitados; atenta para eles e os levanta de sua aflição (2.3,8).

1.11 fez um voto. Nessa cultura, fazer um voto a uma divindade numa oração por livramento era uma atitude típica diante da crise. Os votos implicavam, com frequência, oferecer um presente à Divindade como compensação quando ela concedia o favor desejado (cf. Nm 21.2).⁴

SENHOR *todo-poderoso*. Ana se dirige ao Senhor por meio de um título (tradicionalmente traduzido por "Senhor dos Exércitos" [A21]) que ressalta sua soberania — ela o imagina entronizado acima dos querubins da arca da aliança, o símbolo terreno de seu trono celeste (1Sm 4.4; 2Sm 6.2). Faz sentido que tenha se dirigido ao Senhor dessa forma em Siló, pois "a arca de Deus" está nesse local (1Sm 4.3).

nenhuma navalha jamais será usada sobre a sua cabeça. Embora Samuel não seja, de fato, chamado em momento algum de nazireu, o cabelo longo era uma característica distintiva dos nazireus (Nm 6.5; Jz 13.5). Essa descrição facilita a comparação com Sansão (cf. os comentários acima em 1.1).⁵

1.13 Eli pensou que ela estivesse embriagada. Nesse capítulo, os personagens masculinos interpretam Ana de forma equivocada.⁶ Elcana não entende a profundidade do sofrimento e da angústia de Ana, imaginando que as garantias de seu amor

por ela deveriam ser suficientes para animá-la (1.8). Eli não discerne a profundidade de sua sinceridade e de seu desespero e interpreta equivocadamente sua intensidade como embriaguez. O narrador começa a desenvolver um retrato de Eli como o de um indivíduo espiritualmente insensível.

1.19 O *SENHOR se lembrou dela*. Em sua oração, Ana pede que o Senhor “se lembre” dela e lhe dê um filho (v. 11). Da forma como o termo é usado aqui, não se refere simplesmente à cognição ou à memória, mas transmite a ideia de “lembrar e agir”. A repetição do termo chama a atenção para o fato de que o Senhor responde à oração de Ana.

2.1 *o meu chifre está exaltado*. A referência ao chifre do boi está por trás da metáfora (Dt 33.17; 1Rs 22.11; Sl 92.10) que retrata poderio militar. A expressão “exaltar o chifre” indica vitória militar (Sl 89.17,24; 92.10; Lm 2.17). No antigo Oriente Próximo, reis guerreiros poderosos se comparavam, por vezes, com um touro indomável que usa os chifres para matar seus inimigos. Ana se considera vitoriosa em seu conflito com Penina.

2.2 *Não há ninguém santo como o SENHOR*. Nos mitos ugaríticos, os membros do panteão são chamados “filhos do Santo” (COS, 1:246, 343). El, o deus supremo, é o cabeça desse panteão, mas Baal ocupa uma posição proeminente; ele chega até a ser retratado em pé, ao lado de El. A deusa Anat declara: “O todo-poderoso Baal é nosso rei, nosso juiz, sobre o qual não há outro” (COS, 1:254-5). Como que contrariando diretamente essa afirmação, Ana chama o Senhor de “santo” (ou seja, como nenhum outro) e afirma que ele é incomparável.

não há rocha alguma como o nosso Deus. O termo “rocha” se refere a um despenhadeiro rochoso, relativamente inacessível, que fornece proteção àqueles que são perseguidos por inimigos. Deste modo, retrata Deus como um lugar de refúgio e segurança.

2.6 O *SENHOR traz a morte e faz viver; faz descer à sepultura e faz ressurgir*. Nos mitos, Baal trava uma batalha com a morte; ele desce à sepultura, é declarado morto e mais tarde torna a viver. Em contraste gritante, o Senhor é soberano sobre a morte. Tem poder para matar e para dar vida.

2.10 O *Altíssimo tropejará desde os céus*. O título “Altíssimo” é atribuído a Baal, na lenda ugarítica de Kirta, em uma passagem que descreve o deus da tempestade como a fonte da chuva (COS, 1.341). Mas Ana afirma que o Senhor é quem intervirá por meio da tempestade à medida que derrota os inimigos de seu povo.

e exaltará o chifre do seu unguido. Embora nesse momento Israel não tenha rei, Ana, ecoando a preocupação expressa em Juízes 21.25, antevê a época em que o Senhor levantará para Israel um rei semelhante àquele descrito na lei (Dt 17.14-20).⁷ O emprego da metáfora do chifre aqui forma uma moldura temática (ou *inclusio*) para o cântico.⁸

Considerações teológicas

O nascimento de Samuel marca um ponto de transição na história de Israel. Como Ana reconhece no cântico de louvor, seu próprio livramento de uma situação de opressão prenuncia o que Deus fará pela nação no futuro próximo (2.10). Por intermédio de Samuel, filho de Ana, Deus voltará a revelar sua palavra a seu povo, lhe dará vitória militar sobre adversários hostis e estabelecerá um rei que conduzirá a nação a alturas nunca antes vistas. O contexto canônico final dos Profetas Anteriores é o Exílio (2Rs 25). Os exilados estão enfrentando as consequências de seus próprios atos de rebeldia e dos de seus antepassados e sofrem opressão debaixo de domínio estrangeiro, contudo podem encontrar esperança na certeza de que o Senhor é justo

e, por fim, vindicará aqueles que são leais a ele. Eles podem olhar para o futuro com confiança, na expectativa da intervenção de Deus na vida da comunidade da aliança e da chegada de um rei davídico ideal, por meio do qual Deus cumprirá suas antigas promessas da aliança.

Para ensinar o texto

Essa narrativa apresenta dois temas principais, do qual o segundo tem várias dimensões:

1. *Mesmo quando a comunidade pactual do Senhor se mostra espiritualmente deficiente e sofre com a falta de liderança, o compromisso do Senhor com seu povo o leva a prover essa liderança.* O antigo Israel precisa de um rei (Jz 21.25); não qualquer rei, mas o tipo de rei antevisto em Deuteronômio 17.14-20. Esse rei, em contraste com o típico rei do mundo antigo, não deve formar uma poderosa divisão de carros de guerra, nem ter um harém numeroso, nem acumular grande riqueza. Antes, sua missão é promover a aliança de Deus por meio de suas políticas e práticas. Em resposta à lealdade de Ana, o Senhor lhe dá um filho, Samuel, e desencadeia uma sequência de acontecimentos, os quais culminarão na unção de Davi, um homem segundo o coração do próprio Deus, como rei de Israel.

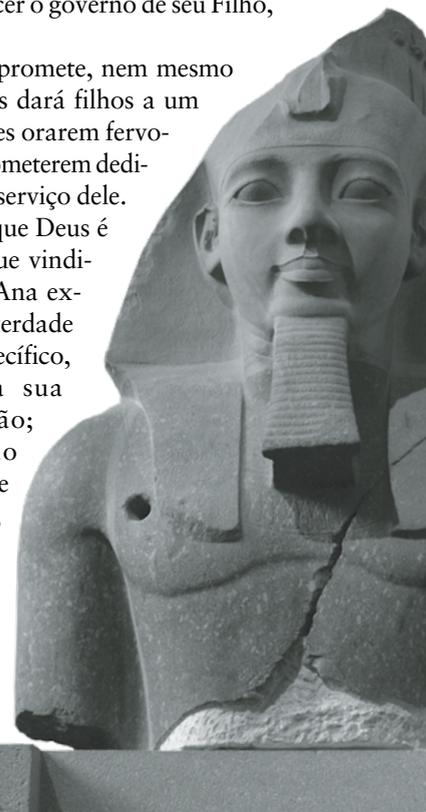
Em vários sentidos, Davi falha terrivelmente, e sua dinastia fracassa em viver de acordo com os padrões de Deus. No entanto, o compromisso pactual de Deus com Davi permanece firme: no devido tempo, Jesus, o filho de Davi por excelência, entra em cena como rei de Israel (Jo 1.49; 12.13; 18.37). Por fim, ele estabelece seu reino na terra,

cumprindo as promessas de Deus a Davi (2Sm 7.16; Sl 2.8,9; 72.1-19; 89.19-37) e completando a obra que Deus iniciou com o nascimento de Samuel (Mt 16.28; Ap 17.14; 19.16).

2. *Embora o Senhor soberano possa permitir que seu povo sofra provações e até opressão, ele é justo e, no devido tempo, os livrará da aflição quando clamarem a ele pedindo vindicação.* A história de Ana é um lembrete para o sofredor povo de Deus de que: (a) embora os motivos para as tribulações talvez sejam envoltos em mistério, nosso Deus soberano é justo; (b) por mais escuro e assustador que seja o túnel, nosso Deus compassivo coloca uma luz em seu final; e (c) nosso Deus justo livra aqueles que confiam nele. Visto que o mesmo Deus que intervém em favor de Ana e de Israel continua reinando, podemos ter a certeza de que ele vindicará sua igreja quando estabelecer o governo de seu Filho, Jesus Cristo.

O texto não promete, nem mesmo sugere, que Deus dará filhos a um casal estéril se eles orarem fervorosamente ou prometerem dedicar esse filho ao serviço dele. O texto afirma que Deus é um Rei justo, que vindicará seu povo. Ana experimenta essa verdade de um modo específico, relevante para sua própria situação; outros poderão experimentá-la de formas diversas, apropriadas às suas circunstâncias. Embora

O tipo de rei que Deuteronômio antevê não é um rei típico do mundo antigo, como Ramsés, o Grande (cujo busto aparece aqui). Esse governante egípcio do século 13 a.C. conduzia seus exércitos às batalhas, tinha quase cem filhos e ordenou a construção de vários projetos suntuosos.



haja espaço para a aplicação pessoal do tema do texto, a aplicação mais natural da passagem é coletiva e diz respeito à comunidade da aliança: a experiência de Ana prefigura o futuro livramento de Israel da opressão estrangeira e oferece esperança aos exilados que sofrem humilhação em terras estranhas.

Para ilustrar o texto

Há mistério nas tribulações e nos sofrimentos.

Memórias: *A stranger in the house of God* [Um desconhecido na casa de Deus], de John Koessler. Nessas memórias (2007), o professor e autor Koessler escreve:

Minhas orações pareciam os pedidos que, às vezes, eu fazia a meus pais. Quanto maior o pedido, mais ambígua era a resposta.

— Mãe, quero uma bicicleta nova!
— Hum, vamos ver.

Essa resposta ocupava aquela misteriosa terra de ninguém entre o desejo e sua realização, que as crianças conhecem tão bem. Essa é uma região em que a atmosfera é um misto de esperança e decepção: o mínimo necessário de esperança, para manter nossos sonhos mais fantásticos como possibilidade remota, e um nível de decepção que não chega a ponto de matar inteiramente esses sonhos.⁹

As orações dos perseguidos são eficazes. Relato verídico: *The story of Ruby Bridges* [A história de Ruby Bridges], de Robert Coles. Ruby era de uma família muito

trabalhadora e que se apegava firmemente a sua fé. Quando um juiz ordenou o fim da segregação racial nas escolas de Nova Orleans, Ruby foi uma das primeiras crianças negras a serem escolhidas para participar desse processo. Multidões iradas se ajuntaram no primeiro dia de aula e em muitos outros dias. Durante meses, Ruby foi e voltou da escola escoltada por policiais. Certo dia, Ruby orou diante da multidão, pedindo que Deus perdoasse aqueles que a haviam maltratado, pois “eles não sabem o que fazem”, da mesma forma como outros tinham dito coisas terríveis a respeito de Jesus “muito tempo atrás”.¹⁰

A justiça de Deus se identifica com o seu povo oprimido e o vindica.

Poesia: William Cullen Bryant. Este poema de Bryant (1794-1878) foi encontrado entre as folhas do começo do capítulo 40 do manuscrito de *Uncle Tom's cabin*, de Harriet Beecher Stowe.¹¹

Não considere o justo esquecido pelo céu!
Embora a vida lhe negue suas dádivas comuns,
embora, com o coração oprimido e sangrando,
e desprezado pelos homens, ele caminha para a morte!
Pois, de cada dia de tristeza, Deus tomou nota,
cada lágrima de amargor ele contou,
e os anos incontáveis de êxtase celestial retribuirão,
por tudo que seus filhos padecem aqui.

UM COMENTÁRIO ESSENCIAL PARA...

PASTORES ■ PREGADORES ■ PROFESSORES

Este comentário de 1 e 2 Samuel sem dúvida será de grande auxílio para quem se aplica à pregação e ao ensino das Escrituras, além de servir de ferramenta indispensável para qualquer estudante diligente da Palavra de Deus. Neste volume, Robert B. Chisholm Jr. fornece orientação cuidadosamente organizada para interpretar, ensinar e ilustrar esses dois valiosos livros históricos.

A *Série Comentário Expositivo* oferece a pastores, pregadores, mestres e estudantes da Palavra de Deus o que há de melhor na área do conhecimento bíblico, para que possam passar sem dificuldades do significado do texto a sua comunicação eficaz. Em cada volume, o livro bíblico tratado é dividido em unidades de pregação (perícopes) cuidadosamente selecionadas, acompanhadas de comentários de no máximo 6 páginas, com ilustrações extraídas dos campos da arte e da cultura e aplicações para os nossos dias. Cada volume da série permite, assim, que o leitor aprenda rapidamente as informações mais importantes.

Cada volume, enriquecido com fotos, mapas e gráficos, se compõe das seguintes seções, voltadas para a passagem estudada:

- IDEIA CENTRAL
- PARA ENTENDER O TEXTO
- PRINCIPAIS TEMAS
- PARA ENSINAR O TEXTO
- PARA ILUSTRAR O TEXTO

ROBERT B. CHISHOLM JR. (ThD, Dallas Theological Seminary) é professor de Antigo Testamento e coordenador desse departamento no Dallas Theological Seminary. É autor de *Da exegese à exposição: guia prático para o uso do hebraico bíblico* (Vida Nova), *Handbook on the Prophets* e *A workbook for intermediate Hebrew*.


VIDA NOVA
vidanova.com.br

ISBN 978-85-275-0695-3



9 788527 506953